

PIM DA M PUM



Direcção de AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XV

LISBOA, 1 DE MAIO DE 1940

N.º 744

A IDÉA DO MENINO «TÓTÓ»

As crianças chegaram do seu habitual passeio com a aia, sem fazer barulho.

Ao vê-las entrar, a criada de quarto disse em voz baixa:

— Estejam sossegadinhos, porque a mamã está muito aflita com falta de notícias do vosso papa!

Tótó, o mais velho dos rapazes—oito anos—sentara-se logo, diante da sua carteira, despenteado, muito quieto, bastante sério.

— Joana, — (disse elle à criada, muito devagar, — há dez dias que o papá não escreve, não é verdade?)

— Sim, dez dias! — (suspirou Monette. E, depois, continuando, num tom maternal: — Escutem! Vamos consolar a mamã, abraça-la-emos muito, como ontem, e ela não chorará mais... Vem Jaime... Vem Bêbé!

Mas não disse: «Vem Tótó!» e Tótó ficou só, como gelado, cabeça baixa, sem revolta, mas muito triste, quasi a chorar...

A verdade era que se esqueciam sempre dêsse pobre Tótó! Contudo, elle não é barulhento; antes, pelo contrario, muito razoável, sem um capricho, silencioso, tímido... Enquanto a irmã e os irmãos riem, brincam, cantam, com a alegria própria da sua idade, Tótó, assustado com esse barulho, refugia-se em qualquer canto, levando consigo o seu cão «Love», único ente que tinha a honra das suas confidências. E que confidências!... O Tótó, tao tímido, queria ser official, o Tótó tao frio gostava de todos os seus, principalmente da sua maezinha. Como elle adorava a sua mãe tao bonita, como elle lhe chamava, do fundo do seu coraçãozinho. Tótó apenas ousa beijá-la de manhã e á noite. Como elle inveja o Bêbé, que tantas vezes se refugia nos braços dêsse ente tao querido, beijando-a com beijos sonoros... Fazer o mesmo era o seu sonho, mas não ousa!... Elle não ousa! E a mamã diz muitas vezes:—«Tótó não é como os outros!»

Quando a criança se olha no grande espelho do seu quarto, não esquecendo as palavras da mãe, julga com-

dêle... «Tótó não é bonito, mas, com o seu feiitlo, há-de ser alguêm no futuro. É tal e qual o avô Chanudet...»

O avô, que foi fundador da grande casa de exportação Chanudet & Filho, que o pai de Tótó possui e dirige agora, e que foi a origem da sua fortuna...

O avô Chanudet!... Era o orgulho da família!... Uma intelligência!... Um coração de ouro!...

Camponês, tendo aprendido a ler enquanto guardava gado nos campos... Depois, veio para Paris, só, aos quinze



anos, com vinte francos apenas, toda a sua fortuna e um pequeno embrulho de roupa, ao ombro... Foi assim que entrou em Paris o avô Chanudet, que, cinquenta anos mais tarde, morria millionario, notável comerciante, juiz do tribunal de comércio e cavaleiro da Legião de Honra!...

E o pai, com um gesto cheio de entusiasmo, mostrava-lhes, no salão grande, o retrato do avô.

Não é verdade que é parecido com o Tótó?... Bisonho como elle, mas também com um coração e uma intelligência!...

Esta eterna comparação, esta aproximação constante, desenvolveu em Tótó, mais do que uma simpatia, uma verdadeira ternura pelo avô que nunca conhecera.

Quando «Love» está cansado das confidências e manifesta alguma impaciência, Tótó, que se sente bem no grande salão, justamente porque o bom sorriso do avô Chanudet é parecidissimo com o seu, Tótó, dizíamos, refugia-se numa larga poltrona e conversa com o «avô», ao qual conta as suas grandes perplexidades, os seus desgostos e os seus sonhos.

— Avô, quero ser official!

— Bravo, meu homenzinho!

— Avô, perdi o meu trabalho de escrita. Carlos, que entrou recentemente no liceu, encontrou-o e assinou-o, pondo o seu nome sobre o meu!

— O desgraçado!... Uma assinatura falsa!... Não faças tu nunca isso, meu filho!

E Tótó, que lia nos olhos do «avô», «conversa» assim horas inteiras.

Hoje, a confidência é outra.

— Avô, a mamã está triste!... Onde está o papá?... Há dez dias que não escreve!...

Os bons olhos do avô não estão tristes... Pelo contrario



preender, nelas, achá-lo feio!... Sim, elle reconhece que é feio! E como podia o Tótó ser bonito com o cabelo ruivo... tão ruivo?

O pai orgulha-se da filha, que é bonita, com os seus cacóis castanhos, de Jaime, um garoto simpático, do Bêbé lindo, tao louro; mas, não querendo molestar Tótó, dizia

(Continua na página 3)

FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

(Continuado do número anterior)



A queda fôra curta, fe- outros, fôra lançado pela ja- lizmente, pois o último nel-a. A esta feliz circunstân- lençol quasi roçava a cia e ao facto de só faltar rua quando, atado aos transpor menos de metade daquele, se deve o não ter que lamentar uma desgraça bem maior, pois o trambulhão foi apenas de cerca de um metro de altura... Ainda mal refeita da queda e do susto, lá se foi arrastando conforme lhe fôra possível e cá a temos agora



em frente da casa mistério. A sua expressão demonstra bem a luta que se trava no seu espírito:— Entrar, não en- trar?... Que fazer?!... Ainda tinha bem na memória o resultado da sua teimosia!... Mas o caso era, agora, mais sério:— Seu avô e o irmão— fundados e sérios recetos. Dei- xamo-la por momentos e ve- vam dentro da casa e a de- jamos como iam correndo as coisas no interior do casebre.



Não fôra difícil a Fajoca e a Caralaroca penetrarem de novo all, pois a porta ficára, como antes estava, entreaberta. De ouvido à escuta e olho alerta, lá os vemos se- guindo com cautela, cami- nhando ao encontro dos acon- tecimentos que, como se vai- ver, iriam ser inesperados e altamente emocionantes! O Destino tem destas coisas:— Quando menos se espera é que as desgraças acontecem!... Senão, veja-se: Quem diria que uma jarra poeirenta, com



flores de papel, colocada sô- bre uma coluna a um canto da velha casa, iria fazer de- sencadear tamanha tempes- tade?... Como aconteceu tu- do isto?... Muito simples- mente. Caralaroca e Fajoca estacaram em dado momento e, por conveniência de tática, houve necessidade de fazer um ligeiro recuo!... Foi o bastante!... O azar tece-as!... Bastou um ligeiro encontrão e... olhem para os desenhos!... Vejam o efeito!...

(Continua na página 6)

A LENDA DAS FLORES

POR RIBEIRO ANTUNES

A minha casa tem um jardim à frente. É nele que eu, aos domingos, aproveitando um pequeno mas justo descanso, me refugio nestas bonitas manhãs de primavera, época em que as andorinhas, em grandes e alegres bandos, vêm de muito longe procurar, no nosso país, a temperatura que é indispensável à sua vida e à construção dos seus ninhos.

Sento-me numa cadeira de repouso e, geralmente, entretenho-me a ler o jornal. As vezes, acabo por adormecer...

Mas eu nunca estou só no meu jardim. Minha filha vem sempre para junto de mim.

Traz os seus brinquedos predilectos: — um carrinho de bebés e uma boneca de cabelos loiros, que abre e fecha os olhos e diz «papá» e «mamã». Estas bonecas são muito caras



e somente as meninas muito obedientes e estudiosas, é que as merecem. Eu, por mim, só a comprei à minha filha quando ela deixou de ser mãe... Hoje, é o brinquedo de que mais gosta, o que se pode chamar o seu sonho dourado.

No último domingo, como de costume, minha filha veio fazer-me companhia no jardim. Trouxe com ela o carrinho e a boneca. A certa altura,



talvez já aborrecida de brincar, começou a maltratar as flores que, muito lindas, brotavam das suas hastes, embelezando o ambiente e perfumando o ar. Repreendi-a, dizendo-lhe que, com a sua má acção, fazia sofrer as flores. Ela riu-se muito e disse-me, com toda a convicção da sua inocência:

— «Sofrer!?... As flores não sentem nada, como podem sofrer!?...»

Vendo que a Mimi — a minha filha — laborava num erro, aliás natural em sua idade tão infantil, aproveitei a ocasião para lhe contar «a lenda das flores».

É possível que os meus leitorinhos não saibam o que é uma lenda. A Mimi também não sabia. Mas eu explico. Lenda é uma tradição popular, quere dizer, uma coisa que existiu há muito tempo e chega ao nosso conhecimento porque foi contada de pais para filhos e de avós para netos, passando de uns anos para os outros.

As flores também têm a sua lenda.

A propósito delas, vou-lhes contar uma história muito antiga, tão antiga, tão velha que, se em vez de história fôsse um homem, já teria barbas brancas até aos joelhos!...

Minha filha gosta muito de ouvir ou ler histórias e, cheia de curiosidade, achegou-se a mim e, sentando-se sobre os meus joelhos, enlaçou-me o pescoço com um dos seus bracitos, pedindo-me com grande interesse:

— «Conte, paizinho, conte lá essa história!»

Prontifiquel-me a fazer-lhe a vontade.

Vamos a ver se os meus leitorinhos também gostam tanto como a Mimi gostou:

numa região quasi desconhecida, existe um país onde as flores nascem, vivem e morrem, como nós!...

Nunca lá existiu nenhum homem nem qualquer bicho feroz, como o leão ou o tigre, nem tão pouco qualquer animal doméstico, como o gato ou o cão.

É um país cheio de beleza e de encantos, onde outra coisa não há que não sejam flores e pequenos insectos, que das mesmas se alimentam como, por exemplo, as abelhas.

Não se sabe nem se pode calcular quantos anos viveu este país sem ser conhecido.

Em tempos, já muito antigos, nunca por lá passavam



E realmente bonita a lenda das flores.

Ora leiam...

Lá muito longe, para além de um grande deserto e de um mar que parece não ter fim,

caravelas, nem ainda hoje os paquetes de luxo, porque o mar, que banha o país das flores, não serve de passagem para qualquer outra região.

Desta maneira, só por um acaso foi possível descobrir o

(Continua na página 7)

A idéa do menino «Tótó» — (Continuado da página 1)

sorriem... Que é que isto quere dizer?... Ah! avô, avô!... Ele não está ferido?... Tótó sente-se penetrado duma confiança que aumenta, aumenta sem cessar!... O papá vai escrever... Sente que isso sucederá... Sabe-o... Mas como



explicar isso à mamã, à mamã que chora... E preciso forçá-la a ouvi-lo, beijá-la muito meigamente... E ela não gosta das caricias de Tótó!...

Ah! uma idéia. Tótó vai escrever-lhe uma carta como se fôsse o papá, enquanto não vem a outra, a verdadeira carta que ela beijará com paixão, antes mesmo de a ler... Sim, sim, é possível! Parece de propósito. Aqui estão, no cesto de Sérvos, as últimas cartas do papá. A mamã, depois de as ler e reler, põe-nas ali, todas juntas... Além disso, Tótó não precisa de copiar... Tem apenas que deixar falar o seu coraçãozinho... Os bons olhos do «avô» aprovam. Tótó vai escrever!...

E ei-lo à mesa. Hesita primeiramente mas, logo em seguida, escreve, escreve, com um trambordar de toda a sua ternura: «Minha Suzana querida» — (É assim, que o papá costuma começar) — «amo-te tanto, penso tanto em ti.» E Tótó, que adora Monette e os irmãos, acrescenta: «A ti e aos pequenos... Eu vou escrever-te mais e regressar aí... Beijo todos...» (Tótó, assustado, borra a sua ininteligível escrita, toda emendada.)

(Continua na página 8)

SERAPIÃO TRAPALHÃO
EM VIAGEM PELO SERTÃO
1.º EPISÓDIO

Aventuras tão estrambólicas que até nos fazem cólicas e se acharem o conto mau, desculpem o autor:

LORD NICOLAU



MANHA de Janho ardente!... Serapião Trapalhão, negociante de alcatrão tomara uma decisão: partir para o sertão em busca da fortuna, porque lhe disseram em Runa que, se soubesse procurar, em África a havia de achar. E para desmentir o ditado: «mais vale só que mal acompanhado», disse para consigo: levo um amigo comigo!

Pensou e tornou a pensar, até por fim se lembrar do velho Lucas Piégas, cabeleireiro em Xabregas, como ele, dado a refregas. Levando espingardas e balas e, acompanhado das malas, as famílias saltando ais, vão em direcção ao cais, com um pensamento na tóla: apanhar o «Angola» que está prestes a largar e que os há-de levar a terras desconhecidas, onde os esperam as lidas que passamos a contar:

Chegados a Moçambique, embarcaram num caíque (começa aqui a desventura) que em determina altura se lembrou de naufragar, obrigando-os a nadar para a pele poder salvar. Ao atingirem a costa, subiram por uma encosta e ao sertão foram parar, sem terem de perguntar qual seria o caminho, mais suave e curtinho, para as regiões procuradas...

Se soubessem as maçadas por que haviam de passar, antes de poderem achar as fortunas almeçadas, talvez não tivessem vindo, mas já não havia remédio...

E, para afugentarem o tédio, começaram, sorrindo, a

(Continua na última coluna)

NO PAÍS DO SONHO
VIAGEM À LUA

POR ZINA CABRAL

JOÃO muita vez olhava para o branco balão dos céus, com vontade de agarrá-lo. Mas se ele andava tão alto!... Como conseguir apanhar esse balãozinho, lindo, que, com a sua luz encantadora e suave, prateava as casas e os caminhos? Um dia, Joãozinho, de cinco anos apenas, disse à irmã mais velha que frequentava já o 1.º ano do Liceu:

— «O' Guida, havemos de pedir ao papá para nos levar na nossa avioneta, tão alto quanto possa, até chegarmos à Lua, sim? Levo uma corda com um gancho e atiro-a quando estivermos pertinho, para a prender e trazermo-la. Queres?»

Guida soltou uma gargalhada cristalina. — «Pobre patetinha! Na avioneta nunca poderemos atingir a altura da Lua e mesmo, se o conseguíssemos, pensas que poderias trazê-la agarrada a uma cordinha? Tu ainda não percebes nada destas coisas!»

Estuda, para aprender. Não penses só em brincadeiras e pateticos. E afastou-se a rir, com ar superior, sentando-se na sala de estudo.

Joãozinho, no entanto, não se conformou com a resposta e, ao jantar, falou no assunto. Os pais, sorrindo da sua ideia impraticável, deram-lhe uma leve lição de geografia e astronomia.

Mas o teimoso João ficou a pensar como conseguir a viagem na avioneta do pai, até às alturas do astro.

Naquela noite, antes de deitar-se na fôfa caminha, recostou-se à janela do seu encantador quarto azul e pensou:

— «Como ficaria bem aqui dentro do meu quarto da côr do céu, a lua junto ao teto, iluminar tudo em volta! Quero a Lua!

Hei-de ter a Lua!... E Joãozinho, encostado ao peitoril da janela florida olhava, encantado, o grande balão, tão branquinho e redondo, a caminhar, sózinho pelo Céu!...



Joãozinho sentiu-se transportado no ar, dentro dum avião. Subiu... subiu... e chegou perto da Lua.

O que lhe parecia simples balão, saiu-lhe uma esfera grande, tão grande, que te imenso receio de atrair a corda para a prender... Ouviu então a Lua rir, escuninhamente, e dizer:

— «Tens medo de mim?» O pequeno, para ocultar receio que dele se apossava reagiu e atirou-lhe, num



peito, o gancho preso da corda que segurou e que ficou agarrado às fendas de uma montanha rochosa da Lua.



Joãozinho apressou-se a descer o avião.

Preocupava-o, no entanto, o tamanho enorme do Balão branco que corria, acompanhando-o na descida vestigiosa.

Pensava ser impossível colocá-lo no teto do seu quarto, pois não cabia nem pela porta, nem pela janela... e resolveu prendê-lo à chaminé do prédio.

Mas Joãozinho notara que quanto mais baixava à terra, mais o balão escurecia, tornando-se numa massa negra que lhe causava pavor!...

E a Lua ria-se... Então, João, já me não queres para candeieiro de quarto? Admiras-te de me fazer escurecer à medida que descemos? Bem vêes que me afastas dos raios do sol que vai caminhando para outro lado, e eu fico sem receber essa claridade que, por efeito do reflexo, espalho sobre uma parte do mundo.

Joãozinho, inclinando-se, viu a Terra escura, sem luar... Teve medo do balão negro e pediu à Lua que trasse o gancho e se fôsse embora lá para as elevadas alturas, acima das nuvens...

A Lua disse-lhe, então: — «O João, e se tu fosses passear comigo a ver as maravilhas do Céu? Queres? Vem, não tenhas medo!»

Joãozinho, para provar que não tinha receio, e por curiosidade também, aceitou o convite.

..... Agora é a lua que sobe... sobe até que volta a ficar branquinha e linda como dantes.

Lá vai levando o menino dentro do avião, suspenso pela corda.

E a lua sobe... sobe sempre... pelo Espaço!...

..... Joãozinho, já assim tão alto, passou por nuvens que lhe pareciam enormes massas gorduchas, enchumacadas...

A lua exclamou novamente: — «Repara como estão cheias, cheias de água proveniente da evaporação dos mares, dos rios, dos lagos e das fontes; temos chuva. Queres observar a chuva, aqui do alto?»

De facto, principiou a cair água com violência e Joãozinho achou imensa graça ao ver a terra molhar-se abundantemente e ao facto de ele estar, lá por cima, livre da violenta bâtega de água que caía...

E riu-se do efeito engraçado. As nuvens depois, sem água, ficaram leves, fluidas, como esbranquiçado algodão em rama

Mais acima, quasi iam esbarrando com gigantescas sombras negras, que faziam tremer o menino pelo receio de um choque. Mas cada corpo negro, seguia sempre o seu caminho, como se um destino já levasse demarcado.

A lua ensinava ao menino que todos aqueles corpos negros eram astros sem luz, cometas, planetas, mundos sem vida.



E a ascensão continuava...

— «Eu gostava de ver os Anjos, os Santos, Nossa Senhora e São José com o menino Jesus. Podes mostrar-mos?»

— «Ó pode ver o que pedes, a pessoa altamente boa, e tu, Joãozinho, és pecador. Não obedeces a teus Pais e aos teus superiores. Revoltas-te, às vezes, contra os ensinamentos e as ordens que te dão. Mentas

(Continua na página 8)

SERAPIÃO TRAPANHÃO
EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado da primeira coluna)

pensar no que procurar para a fome lhes matar.

Os coqueiros eram aos milhares mas, para os frutos apanhar, era preciso amarrar e faltava-lhes a prática!...

Como é traiçoeira a África!...

A comida e a bebida, ali à mão de semear, e eles sem lhes poderem chegar!...

Por acaso providencial aproxima-se do local um enorme animal, para eles desconhecido que, um tanto aborrecido, a avaliar pelo nariz torcido que lhe roja pelo chão, se encosta, num encontrão, ao coqueiro ambicionado e, num esfregar desalmado, satisfaz a comichão, o que deu como resultado ficar tudo coalhado de côcos até mais não!...

E, para não sermos omissos, digamos que os touzcos dos nossos dois heróis, se viram em maus lençóis para apapar a chuvada, um tanto inesperada, da fruta tão desejada.

Satisfeito o apetite (embora não se acredite) pensaram no animal e, fazendo-lhe um sinal, convidando-o a segui-los, lá se foram todos três

E, para a próxima vez... cautela com os crocodilos!...

.....

.....

.....

.....

.....

.....

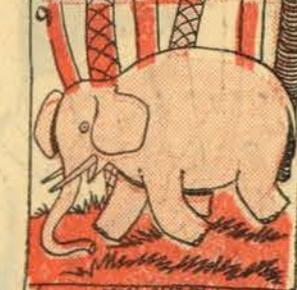
.....

.....

.....

.....

.....



Tio Paulo

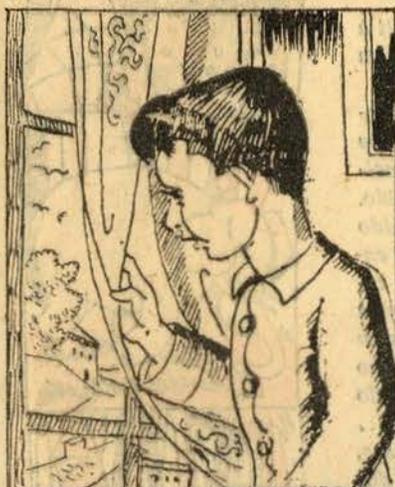
PREGUIÇA CASTIGADA

Por MARIA EMILIA BARBOSA VIANA

A hora marcada — 7 da manhã — o despertador retiniu... Joãozinho acordou sobresaltado. Bocejou, espreguiçou-se, esfregou os olhos feridos pelos primeiros raios de sol, que ousadamente entravam pelas frinças da janela, e quedou-se, por momentos, pensativo... Logo após balbuciou:

— «Que macada! Lá tenho que me levantar!... E então hoje que tenho História e Geografia e que não estudel nada!...»

Deu um pulo da cama, dirigiu-se à janela, espreitou para a rua...



— «Que manhã tão linda!» — murmurou. E passou a visionar as mais fantásticas diversões. Um belo passeio de automóvel pelos campos, pareceu-lhe particularmente agradável, não, já se vê, para recrear a vista com os diferentes aspectos da natureza porque a sua pouca idade não permitia ainda ter a noção estética do Belo, mas sim para dar largas à sua natural tranquilidade... Na verdade, nada mais tentador do que a liberdade acolhedora dos campos... Mas, já que não tinha probabilidades nesse dia de passear, gostaria, ao menos, de gozar mais umas horas de «fôta caminha» e livrar-se

assim da «estupidez» das lições, como êle inadvertidamente as classificava...

— «Joãozinho, levanta-te que são horas; não ouviste o despertador?» Diz-lhe do corredor a Mãe, pondo termo aos perigosos devaneios do nosso herói. Uma ideia, porém, perpassou repentinamente pelo cérebro de Joãozinho: — inventar uma dôr de cabeça, uns princípios de gripe e... ficar em casa. Se bem o pensou, melhor o fez!

— «Mãezinha, entre se faz favor... Estou cheio de dôres de cabeça, não consigo levantar-me... Não sei o que tenho hoje!» A mãe, apreensiva, tomou-lhe imediatamente o pulso, a fim de avallar a sua temperatura, mas não se assustou muito, pois não lhe encontrou o mais leve indício de febre. No entanto, voltou-lhe com infável doçura:

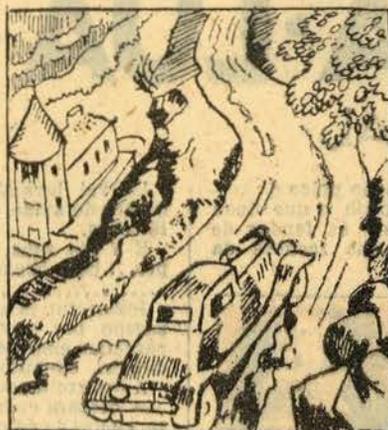
— «Se realmente te sentes mal, meu filho, deixa-te estar hoje na cama...» E saiu do quarto, não sem um vago sorriso de dúvida, a entreabrir-lhe os lábios...

Joãozinho almoçou regaladamente na caminha; por sinal com appetite pouco vulgar em doentes... Todavia, com o decorrer das horas, começou a enfaiar-se de tanta monotonia, pois a cama ia perdendo, a pouco e pouco, para êle, os seus primitivos encantos... — s três horas um luxuoso automóvel parou à sua porta. João ficou num alvôro e de veras preocupado.

— «E' o tio Henrique, com certeza, e eu aqui metido! Decerto me vem convidar para algum passeio!...» exclamou, no auge do desespero. De facto não se enganara. O Tio Henrique sabendo que às 3 horas já o sobrinho devia estar de regresso das aulas, vinha na disposição de o levar ao Estoril; iriam ver um filme ao Casino, e jantariam lá mesmo ou em qualquer hotel e, à noite, estavam em casa... Enfim, umas horas deliciosas!

A mãezinha, é claro, contou ao irmão o motivo porque êle ficara na cama, expôs-lhe as suas suspeitas e levou-o até ao quarto dêste, para que êle o examinasse, pois o tio do Joãozinho era médico. Terminado o exame ao nosso doente, o tio Henrique voltou-lhe com manifesta ironia:

— «Bem, não irás hoje comigo! Não foste à escola por te sentires doente, muito menos poderás ir passear!»



Joãozinho ruborizou-se, não conseguiu articular palavra. Baixou os olhos envergonhado, pois era inteligente bastante para compreender que o seu «truc» tinha sido descoberto.

Depois de ter levemente acariciado a fronte ao sobrinho, o Dr Henrique abandonou o quarto, seguido pela irmã. — «O que tu supuzeste é verdade — retorquiu sorrindo-se: — a doença dêle é sómente preguiça e não é pouco grave a doença, vamos com Deus...»

Todavia, tenho a certeza que já está bem arrependido. O «remedio» deve ter produzido efeitos benéficos...

Na realidade assim aconteceu. Joãozinho jamais «inventou» doenças para se esquivar às lições e tornou-se diligente e aplicado.

ADIVINHA

O comboio eléctrico de LISBOA-ESTORIL, parte com uma velocidade de 70 quilómetros à hora e o vento sopra, no mesmo sentido do movimento do comboio, com uma velocidade de 75 quilómetros à hora.

Pergunta-se: — para que lado vai o fumo?

FA JOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

(Continuação da pág. 2)

Como é de supôr, o ruído, desta vez mais perto do local da reunião, produziu o alarme e logo os bandidos, refeitos da primeira emoção, se dirigiram, correndo para o sítio onde se dera a «catástrofe», para os nossos dois heróis, como já se vai ver...

Perante o número superior e a ameaça das armas dos patifes, não havia resistência possível... Em face de um tal dilema, Caralaroca e Fajoca não tiveram outra solução para manterem a sua integridade física, senão a de

se entregarem, prontamente, aos seus algozes. E digo algozes porque os patifes bem mereciam um tal epíteto, visto que, no momento imediato, os dois infelizes eram amarrados solidamente a dois postes, colocados no sótão da casa e que serviam de suporte às vigas do telhado.

Sob as mais vis ameaças, pretendiam saber os motivos que levaram a casa abandonada os dois prisioneiros.

Estes, por sua vez, podiam considerar-se irremediavelmente perdidos, não só porque

os patifes, em cujas mãos haviam caído, não acreditariam em qualquer desculpa que lhes apresentassem como, a correndo, se encontravam dizerem a verdade, lavrariam a sua própria sentença, a qual, sem dúvida, lhes poria a vida em jôgo!...

Entretanto... Patachoca continuava a vigiar a casa!... Parecera-lhe que, dentro de lá, algo se passara de anormal.

Por fim, cansada de esperar, tomou a resolução que lhe pareceu mais praticável: Recorrer ao auxilio estranhô!... Falaria à primeira pessoa que encontrasse e pedir-lhe-ia o seu auxilio!

Nessa intenção se afastou do casebre onde, mal o supunha, tão graves riscos seu irmão e seu avô corriam. A pouca sorte parecia, porém,

comprazer-se em não lhe facilitar o tão almejado encontro. Todas as ruas que ia perihes apresentassem como, a correndo, se encontravam dizerem a verdade, lavrariam a sua própria sentença, a qual, sem dúvida, lhes poria a vida em jôgo!...

Cada vez mais ralada, estava já prestes a perder o domínio de si mesma, quando, afinal, avistou ao longe um vulto que se movia vagarosamente.

Ansiosa, correu para êle e, cheia de alegria, verificou que se tratava do policia de serviço.

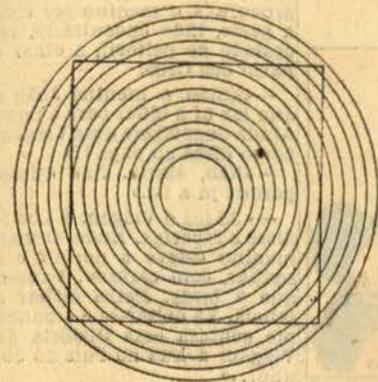
Expôs-lhe rapidamente o que se passava mas o guarda não parecia muito disposto a acreditá-la!...

Como resolver a situação? E' o que veremos de hoje a uma semana!...

(Continua)

ILUSÃO DE OPTICA

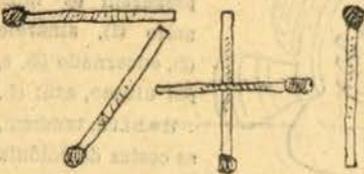
Embora visualmente assim não pareça, e isso apenas por um mero efeito de optica, o quadrilátero que se encontra na gravura, é um quadrado perfeito.



feito. A ilusão é provocada pelas circunferências concêntricas, que fazem com que os lados do quadrado se curvem para dentro.

ADIVINHA

Com 5 fósforos, vejam os leitores se conseguem fazer 8, sem os quebrar



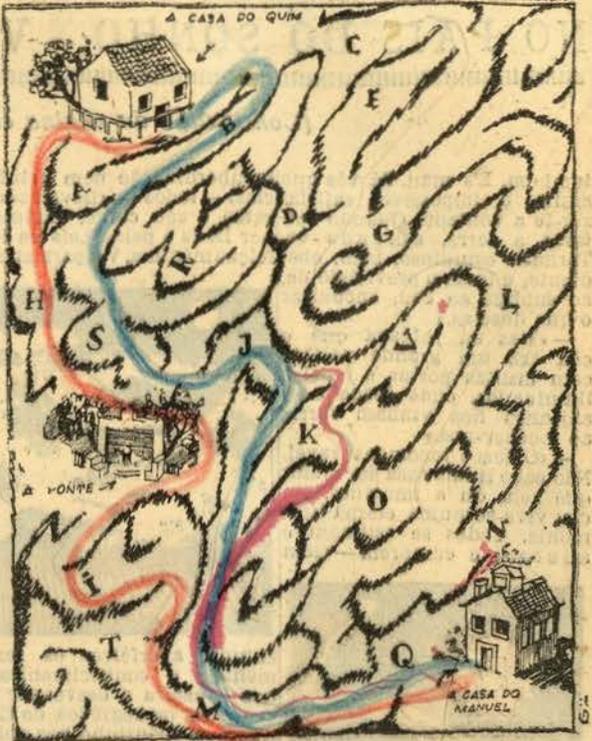
e sem formar o número em conta romana.

Adivinha-

Labirinto



Aparece-vos, hoje, caros leitorzinhos, um labirinto que parece mais complicado do que todos os outros que já viram. (Se até tem letras!) Mas enganam-se, porque é muito fácil... Vamos, puxem por essas cabecinhas e leiam com atenção! Trata-se de saber o seguinte: O Manuel e o Quim, que são dois grandes amigos, brincaram todo o dia em casa deste último. Como a noite se aproximasse, o Manuel despediu-se e dirigiu-se para sua casa. Passado um momento, o Quim reparou que o seu amigo se esquecera do boné... Agarrou-o e correu na peugada do Manuel, para lho entregar... Mas, por mais caminhos que percorresse, não o conseguiu avistar... E' que o Manuel não fôra nessa tarde pelo seu caminho habitual (O QUE PASSAVA PELA FONTE)... Vejam, agora, os leitores se descobrem qual foi o caminho seguido pelo Manuel, de maneira a que o seu amigo, o Quim, o não tivesse podido encontrar. As letras que se encontram misturadas no caminho, são só para facilitar a solução que será publicada no próximo número.



A LENDA DAS FLORES — (Continuação da página 3)

pais das flores, que vivia desconhecido de todo o resto do mundo.

E, exactamente, como Vasco da Gama descobriu a Índia e Pedro Alvares Cabral o Brasil, também foi um português que, embora por acaso, teve a honra e a glória de trazer para Portugal o que nunca, até essa data, tinha sido visto por olhos de pessoas:—flores! E foi um sucesso!... E foi um encanto!... Fez-se uma pequena exposição. Veiu gente de todo o mundo. Todos queriam ver e apreciar essas maravilhas da Natureza, que saíam da terra em delgadas hastes e se transformavam, pouco a pouco, em pequenos botões que depois desabrochavam em fôlhas ou pétalas de diversas cores, lindas e perfumadas.

Nunca, nunca no mundo, se havia admirado uma maravilha maior!

Minha filha, entusiasmada com estas palavras, perguntou ansiosa:

— Mas diga-me, paizinho... Como foi possível descobrir o país das flores e trazê-las pela primeira vez para Portugal?.

Eu fiz-lhe a explicação tal qual como a vou relatar aos meus leitorzinhos.

Antigamente, já lá vão muitos anos, em vez dos grandes navios que agora se vêem, apenas havia frágeis embarcações para transporte de passageiros ou de carga, entre os países que então existiam.

Uma vez, um capitão enganou-se no caminho em que o



seu barco devia navegar. Este, foi de encontro a uns rochedos, desfazendo-se em poucas horas, fortemente batido por ondas muito grandes. A tripulação era composta por quatro marinheiros que se afogaram, em virtude de não saberem nadar. O capitão, pelo contrário, aprendera este salutar exercício aos oito anos e, por via deste útil conheci-

mento, conseguiu nadar para terra e salvar-se. Enxugou-se ao sol e, fatigado com o grande esforço que tinha feito, deitou-se na areia da pequena praia. Pouco tempo depois, dormia a sono sóto. Quando acordou, sentiu vontade de comer. Ergueu-se e pôs-se a caminho para o interior da região. Andou, andou muito, e nada de encontrar qualquer indicação de ali viver gente. Nem gente nem bichos. Era um país encantado. Por toda a parte só havia uma coisa que ele não sabia o que era—porque nunca tinha visto—e a que hoje chamamos flores.

O silêncio era profundo. Apenas, de vez em quando, se ouvia ao longe o zumbido de muitas abelhas juntas, a que se chama «um enxame», num vai-vem constante entre as flores e os seus «cortiços», ou seja, o sitio onde elas fazem o mel.

O capitão sentiu uma grande tristeza, porque naquela região não passavam navios.

O seu, tinha ido ali por engano.

Portanto, ele não tinha casa para se agasalhar nem de comer que lhe alimentasse a vida. Por toda a parte

só via flores e nada mais. Nesta altura da história, a criada veiu prevenir que o almoço estava na mesa.

A Mimi protestou. Queria que lhe dissesse a história toda. Mas era impossível. Expliquei-lhe que se faria muito tarde para o almoço, pois tinha ainda muito que lhe contar:

O que foi a vida do capitão, sozinho, no país das flores... Como lá conseguiu viver alguns dias... As periécias que lhe sucederam... Os tormentos que passou... Como se entendeu com as flores... Como elas o ajudaram a viver... Enfim, tudo isto levaria muito tempo!...

A Mimi conormou-se e o resto da história ficou para depois do almoço.

Também, neste momento, não a posso contar até ao fim.

O vosso querido «Pim-Pam Pum» tem outras histórias para lhes contar e seria um grande atrevimento se eu ocupasse o jornalzinho todo!... Paciência, o resto da lenda das flores ficará para o próximo número. Concordam, não é verdade?... Então, até quinta-feira, se Deus quiser...

Ribeiro Antunes

NO PAIS DO SONHO:—VIAGEM Á LUA

(Continuado da página central)

também. E's mau. Já vês que assim é impossível satisfazer-te a vontade. Quando voltares à terra, emenda-te. Torna-te estudioso, bom, obediente, e terás o privilégio de, ao subires ao céu, encontrar o que desejas.

—Mas eu julgava que o céu era um grande palácio com muitas portas e janelas iluminadas, onde Jesus e os anjinhos nos vinham sorrir ao receber-nos.

—O céu é incomensurável. Não cabe numa casa por maior que seja ou a imagines. No céu vive-se numa eterna harmonia. Todos se estimam e adoram e cumprem — (sem

insubordinação nem relutâncias) — todos os «Deveres» que estão a seu cargo, indicados por Deus e pelas Leis da Perfeição máxima. Vai para a terra.



Estuda, aperfeiçoa os sentimentos e conhecimentos e depois aspira a desvendar e a conhecer os Segredos do Céu. Agora... Joãozinho, boa noite! Vai deitar-te e dorme tranquilo, que são horas e eu tenho ainda muito que fazer!

Desprendendo-se do gancho seguro à corda, a Lua seguiu o seu caminho pelo Céu, e Joãozinho voltou à Terra, indo para casa.

O menino olha a Lua branquinha, a caminhar sôzinha! Acordara, encostadito ao pa-

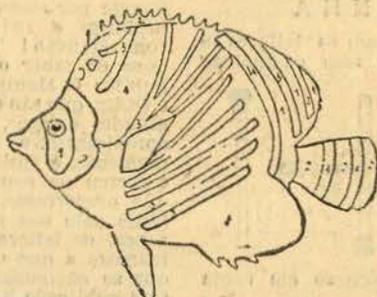


rapeto florido do seu lindo quarto azul.

(Continua)

NO REINO DOS BICHOS

CHETODO



Ficará lindo este curioso peixe se empregarem os lápis preto (1), amarelo (2), encarnado (3), e, por último, azul (4).

Habita, também, as costas da colônia de Mocambique.

A IDÉA DO MENINO «TÓTÓ» (Continuado da página 3)

—...«Não é preciso chorar, porque, com isso, apouquitas os pequenos e também o Tótó, que gosta tanto de ti, como a Monette e o Jaime, mas que não sabe dizê-lo... Só o diz ao avô e a «Love», mas nem o avô, nem «Love» podem falar; Tótó é o único que lhes fala... Não te escrevo mais hoje, minha Suzaninha, porque em breve estarei aí.»

E Tótó vai assinar «Maurício», quando reconsidera... Uma assinatura falsa! Irá ele também fazer uma assinatura falsa. Ele que se parece com o avô Chanudet, êsse notável comerciante.



Uma acção má, como Carlos, o aluno novo do liceu... Ah! não nunca!... E Tótó desce da cadeira para o chão, pega numa carta do pai, corta a assinatura e, satisfeito, aliviado dum enorme peso, cola em baixo a sua carta o pequeno rectângulo de papel... Pronto! Como a mamã vai ficar contente... Mas Joana chama; são sete horas... Tótó ouviu também a voz da mãe: — «Depressa, para a mesa!...» — «Toca a meter debaixo do guardanapo, a carta... Que surpresa!»

El-los à mesa. A mãe tem os olhos vermelhos; as crianças sentam-se em silêncio. Só o Tótó usa um sorriso, justamente o sorriso do avô... A mão da mãe acaba de tocar na carta... — «Que é isto?... Uma carta... Que letra tão esquisita!...» Tótó está inquieto... Ele queria que a mãe adivinhasse imediatamente... Ela devia calcular que era do papá.

— «Não tem sêlo no sobrescrito!... Parece que não ficou contente!...» — (Tótó não se atreveu já a levantar os olhos, as faces tingem-se-lhe de vermelho, vermelho quasi da cor dos seus cabelos... Mas a voz da mãe chama-o: — «Tótó, vem aqui!...» A criança ficou sem movimento, não podia andar.

— «Meu querido Tótó, vem cá!»

Que ternura na voz da mãe... Ele levanta os olhos... A mãe sorri e chora ao mesmo tempo. E, de súbito, Tótó encontra-se nos braços dêsse ente tão querido, e esconde a cabeçita no pescoço da mãe, que êle beija muito!... Monette e Jaime, que ignoravam o que o irmão fizera, deixam o seu lugar e cercam a mãe, enquanto o Bêbê grita até ensurdecer: — «Olhem o paizinho! Olhem o paizinho!...»

Era, com efeito, o pai. A porta abria-se e êle aparecera, sorridente e orgulhoso pela linda cruz que, na véspera, o general lhe colocara no peito... Que linda surpresa... Ele sente-se feliz rodeado dos seus e explica, enquanto abraça todos: — «Era uma surpresa e, por isso, não escrevia!...»

Porém, Suzana, que beija a carta de Tótó, estende-lha depois, dizendo:

— «Mas nós sabíamos que vinhas!... Eu recebi a tua carta!...»

— «A minha carta?!...» Por sua vez, o pai leu, muito comovido e com a mão sobre a cabeça de Tótó, acariciando-lhe os espessos cabelos ruivos.

Quando acabou a leitura, exclamou:

— «Eu sempre disse... E tal e qual o avô Chanudet... Um coração de ouro... Uma inteligência!...»

Tradução de Amélia Ferreira